

HISTÓRIA DO PIANO NO BRASIL

Introdução

Disse uma vez Guerra Junqueiro: "O destino dos pianos assemelha-se ao dos ciganos, uns e outros andam espalhados por toda a superfície do globo, errantes, sem pátria, cosmopolitas". Realmente, esta afirmação corresponde à verdade, lembro-me que certa vez um comerciante de pianos do Rio, em viagem por Recife, encontrou um piano Bechstein que havia sido seu, vinte anos antes, teve certeza da autenticidade pelo número de série e por detalhes que ele, anteriormente, havia colocado no interior do piano. Como este piano, que estava no Rio foi parar em Recife? E porque? Sem falar no fato que a C.Becshtein, é uma fábrica alemã, assim, o instrumento já havia feito uma boa viagem até o Rio de Janeiro.

Na realidade o, êxodo de pianos é impressionante, eles podem ser encontrados em extremos de latitude e longitude, e nos mais atrasados rincões de qualquer um dos continentes, ou mesmo em ilhotas perdidas no gigantismo dos oceanos. Tem acesso aos palácios e residências abastadas, ressoa nos templos, nos teatros, nos salões de concerto, à bordo de navios, mas também, ingressa humilde alugado ou comprado, nas residências pobres, ou invade ruidosamente os pontos de diversão pelo mundo afora

Os antecedentes portugueses

No caso da entrada e difusão dos pianos no Brasil, é preciso em primeiro lugar, verificar qual era a situação em que se encontrava Portugal, na época do descobrimento.

Bem, no século XVI, graças em boa parte à um somatório de fatores históricos, Portugal gozava de imenso prestígio político junto às outras nações européias, principalmente na pintura e na música, isto em pleno avanço da arte renascentista. Desta forma, referências a instrumentos primitivos como: monocórdio, clavicórdio e cravo, são comuns nos documentos, diários e cartas da história Lusitana, e elas vêm desde antes do descobrimento do Brasil, e avançam pelos séculos. Dentre tais referências, podemos citar:

* Em 1428, o Infante D. Pedro, filho do Rei D. João I, de regresso ao Reino, encontrou seu irmão, o Príncipe D. Duarte, herdeiro do trono, enternecido ao ouvir a noiva, a Infanta D. Leonor de Aragão, "cantar e tanger o monocórdio, sem querer saber de caçadas e divertimentos";

* Em 1520, partindo de um porto no Mar Vermelho, uma embaixada Lusa, sob a chefia de Dom Rodrigo de Lima, subiu penosamente as montanhas da Abssínia, em demanda do lendário e inacessível Preste João. Ele levava em lombos de camelos, variados presentes como fazendas, couraças, pólvora, jóias, imagens da virgem Maria e também, um clavicórdio com o respectivo executante. A verdade é que o instrumento lá chegou, e que Preste João, numa entrevista com os portugueses, exigiu deles "que cantassem com um monocórdio, e que bailassem, e assim o fizeram";

* Damião de Góis (1502-1574), célebre como historiador, viajante, humanista, poliglota, amigo de Erasmo de Rotterdam e Alberto Durer, foi igualmente renomado musicista, compunha, cantava e tocava diversos instrumentos, como registrou Fétis na sua "Biographie Universelle des Musiciens".

Como cronista do Rei D. Manuel, o Venturoso, descreveu o prazer do monarca em ouvir constantemente música, inclusive nos dias de audiência "havia sempre na câmara, música de cravo e cantores";

* D João IV, (1604-1656), estudou música na infância com mestres vindos da Itália, viveu

cercado de excelentes artistas, compôs pequenas peças sacras e escreveu monografias sobre temas musicais. Seu maior feito, no entanto, foi de fundar e manter uma Biblioteca Real de Músicas "que chegou a ser a maior de seu tempo, de tal modo enriquecida com preciosidades bibliográficas, que ainda hoje nos causariam assombro" (Ernesto Vieira). O catálogo da livraria de D. João IV ficou famoso, nele, encontravam-se várias referências de composições para "cêmbalo ou monocórdio, clavicêmbalo ou clavicórdio, espineta e cravo";

* D. João V, o Magnânimo, (1689-1750), graças aos generosos proventos da extração de ouro e diamantes que vinha do Brasil, pode sustentar uma suntuosa Real capela, atraindo para Portugal dezenas de artistas italianos, introduzindo na Côrte portuguesa a ópera italiana e fundou um "seminário destinado ao ensino especial da música". Sua filha, a princesa D. Maria Bárbara, foi discípula em Lisboa, do célebre Scarlatti, e chegou a tocar cravo com "rara perfeição". Persistiu na prática desta arte inclusive na Côrte de Madrid, para onde foi como Rainha da Espanha (mulher de Fernando VI), levando à seu serviço o fiel Scarlatti, "o maior cravista de seu tempo", e um dos maiores de todos os tempos.

* D. José I, que reinou de 1750 à 1777, manteve em funcionamento o Seminário de Música, em cujas aulas (conforme lê-se nos estatutos referendados pelo Rei em 1765), ensinava-se, dentre outras coisas, a tocar cravo;

* Sua mulher, a Rainha D. Maria Ana Vitória de Bourdon (avó materna de D. João VI), tanto gostava de música, que converteu a "câmara de passo a um verdadeiro salão de concerto", e, algumas vezes, ela mesmo cantava ou executava no cravo as tocatas mais difíceis de Scarlatti;

* Houve também em Portugal, hábeis fabricantes de cravos e pianos. Em 1745, Manuel Ângelo Vila divulgou em um folheto os diversos instrumentos que éramos capazes de produzir, sob encomenda: psaltérios, monocórdios, espinetas, cravos de penas e de martelos (cravo com som piano e forte).

Manuel Antunes, por volta de 1760, era mestre na manufatura de cravos e passou a construir pianos, tendo ele obtido do Rei D. José I um alvará concedendo-lhe privilégio por dez anos para que só ele e seus filhos pudessem fabricar em Portugal tais instrumentos. Matias Bosttem, em 1770, foi fecundo fabricante de cravos e pianos

* Fonte: Resende, Carlos Penteado- "Notas para um história do piano no Brasil".

Chegada do piano no Brasil

Com todas as referências acima, só se pode chegar a uma conclusão: os primeiros clavicórdios e cravos que surgiram no Brasil vieram trazidos de Portugal, mais exatamente pelos sacerdotes da companhia de Jesus que, nos seus esforços pela evangelização, introduziram-nos nos seus colégios, onde eram utilizados em festas e cerimônias religiosas. Parafrazeando Frei Vicente de Salvador: "os cravos são feito caranguejos, arranhando as areias do litoral", isto porque as principais vilas e cidades brasileiras, no século XVII e XVIII, ficavam à beira do Atlântico, e recebiam pois, as encomendas da Europa. Como o clima quente e úmido não era nada propício a manutenção de instrumentos tão delicados, isto somado ao ataque de cupins, fungos e oxidação, fez com que praticamente todos estes instrumentos desaparecessem, sendo, quase impossível, achar algum nos museus atuais.

Segundo Pereira da Costa, em pernambuco em 1810, já existiam vários pianos, além disso, o órgão, era muito encontrado no Brasil no final de 1700. Mas, pode-se afirmar que a verdadeira história do piano no Brasil, começa com a chegada do então Príncipe-regente D. João em 1808, acompanhado de toda a sua família, Côrte e milhares de pessoas (aproximadamente 15.000 pessoas!). Não que exatamente houvessem pianos na comitiva, pois, levando em conta as circunstâncias precipitadas que ocasionaram a vinda para o Brasil, é difícil imaginar que tenha havido espaço para pianos ou cravos nos navios.

A permanência de D. João VI no Brasil iniciou um verdadeiro "ciclo do piano". Ainda como Príncipe-regente, "mandou vir para o palácio de São Cristóvão, alguns pianos ingleses

(provavelmente Bradwood), que talvez tenham sido os primeiros pianos do Brasil", segundo Mário de Andrade em "A pequena história da Música". Aliás, no início do século XIX, por força dos tratados diplomáticos, os Ingleses dominavam o mercado brasileiro e abarrotaram os portos nacionais com os seus produtos, inclusive pianos.

* A manufatura de pianos na virada do século XVIII para o XIX, tendo os Ingleses como principais fabricantes, foi sinônimo de superioridade avassaladora, principalmente no caso do Brasil por volta de 1810, onde só haviam portugueses perplexos por estar em terra estranha, e brasileiros boquiabertos com as novidades européias. Segundo Von Martius no seu "Viagens pelo Brasil" de 1817: "Os pianos foram uma sorte de especiaria, com que a Europa, no século XIX, derramou pelos continentes como prestígio de suas indústrias".

Renato Almeida, menciona na sua "História da Música Brasileira", o que dizem Spix e Martius, em 1817, quando aqui desembarcaram, sobre a vida musical brasileira: "O brasileiro tem, como o português, fino talento para a modulação e progressão harmônica e baseia o canto com simples acompanhamento do violão. É aqui a viola, tal como no sul da Europa, o instrumento favorito; o piano é muito raro, e só se encontra na casa de abastados".

Ao que parece, o primeiro pianista que aportou em terras brasileiras foi Sigismund Neukmomm, discípulo de Haydn, que havia sido nomeado por D. João VI, mestre da capela real; dava também aulas de música ao Príncipe herdeiro D. Pedro de Alcântara, e sua esposa, Princesa Leopoldina.

* Segundo Carlos Wehrs, no seu livro "O Rio antigo, pitoresco e musical" (veja em "Livros sobre piano"), eram necessários de 6 a 8 escravos para transportar-se um piano. Os negros da frente carregavam chuveiro de regador repleto de sementes de milho, os orifícios do chuveiro era tapados com pano. Assim o chuveiro funcionava como um chuchalho para chamar a atenção dos transeuntes e fazer com que abrissem passagem pelas estreitas ruas do centro do Rio de Janeiro.

O padre José Maurício, primeiro compositor brasileiro que historicamente adquiriu importância, viveu inteiramente dedicado à produção de música sacra, apesar de ser também excelente pianista (toda a vida e obra deste grande vulto da música brasileira foi levantada numa excepcional biografia lançada em outubro de 1997, veja em "Livros sobre piano")

As primeiras notícias sobre ensino de piano no Brasil vem de 1829 e são citadas por Renato Almeida. Trata-se de um professor chamado Luiz Antônio Inácio Smoltz, que dava aulas em Recife de piano, teoria e contraponto.

Em 1856, o Rio de Janeiro era chamado de "a cidade dos pianos" e conta-se que na época haviam uns 40 professores particulares de piano na cidade, principalmente com a efervescência que a inauguração do Conservatório de Música do Rio de Janeiro (hoje Escola de Música da UFRJ) por Francisco Manuel da Silva (autor do Hino Brasileiro) havia trazido, alguns anos antes.

Aliás, Francisco Manuel da Silva foi figura de destaque na vida musical do Rio de Janeiro entre a morte de José Maurício e a ascensão de Carlos Gomes. Além do Conservatório de Música do Rio de Janeiro fundou a Sociedade Beneficência Musical. Foi aluno de Neukmomm e José Maurício e deixou além do Hino Nacional Brasileiro, lundus, música sacra e valsas.

Por volta de 1850 já havia desenvolvido-se um importante mercado de piano. Eram comprados à vista, de segunda mão, por crediário (onde o vendedor aceitava um usado como entrada do pagamento) e alugados. Na realidade, a presença de um piano em casa representava alto valor agregado e ostentação (dois dos principais motivos de alegria dos brasileiros de renda concentrada da época), em detrimento dos motivos artísticos de que se poderia supor, assim, não eram poucos os anúncios de moradores da corte já por volta de 1851, que diziam: "Alugue-se um lindo piano inglês, por não precisar dele".

No embalo deste mercado formou-se na corte, uma forte concorrência entre pianos Ingleses (Broadwood, Towns & Packer) e franceses (Erard, Pleyel), a resistência de seus pianos ao

calor tropical era a base da publicidade. Erard, o maior fabricante de pianos da França, abre uma filial no Rio de Janeiro.

Jornal do Comércio, Setembro de 1851 O movimento musical brasileiro, intensifica-se, vale lembrar a criação do Club Mozart em 1867 e do Club Beethoven, em 1882, além disso vários pianistas renomados visitaram o país:

* Thalberg, discípulo de Litz e Chopin, visitou o Brasil em 1855, despertando um entusiasmo extraordinário, inclusive relatado por Ayres de Andrade, que disse: "A partir de hoje, o povo do Rio de Janeiro percebe que o piano é bem mais que um mero instrumento de salão", Thalberg trouxe consigo, um magnífico Erard de cauda;

* Theodoro Ritter, francês, tocou no Rio de Janeiro na mesma época;

* O português Arthur Napoleão, em 1857, fascinou a platéia fluminense com seu estupendo talento de menino prodígio, depois colheu triunfos pelas capitais européias, e por fim, voltou ao Rio de Janeiro onde veio dar impulso ao movimento artístico local;

* Luíz Morreau Gottschalk, grande pianista norte americano, marcou a vida musical no Rio de Janeiro em 1869, ele trouxe dois pianos Chickering (atuais "Boston") que usou, dentre outras, no concerto de primeira audição da famosa "Variações sobre o Hino Nacional Brasileiro" que executou no Palácio São Cristóvão para a família Imperial e tanto se apegou ao Brasil, que por aqui ficando, acabou morrendo na então Guanabara e foi enterrado no cemitério São João Batista, em Botafogo, Rio de Janeiro.

Os primeiros compositores que apresentam música para pianos com interesse artístico são: Leopoldo Miguêz e Henrique Oswald; suas obras são do fim do século XIX e nesta época também floresce a Escola Nacional de Música, antigo Conservatório Imperial de Musica.

Os primeiros pianistas brasileiros que adquiriram prestígio dentro e fora do país surgiram pelas mãos de Luigi Chiaffarelli, mestre na arte de ensinar piano, que chegou a São Paulo em 1883. E os pianos continuavam chegando, mais e mais. Eram de autores diversos (autores, e não fabricante como se diz hoje): John Bradwood, Stodart, Debain Erard, Graff, Pleyel, Henry Hertz, Ibach, Kalkbrenner, Clementi, Collard & Collard, Schiedmayer, Bechstein, Blutner, Steinweg, Chickering, Bosendorfer, Steinway, dentre outros.

Esta vinda de pianos, não só efervescia no Rio de Janeiro. Em Pernambuco, devido à proximidade do velho continente e a economia açucareira, encomendar cravos e pianos nos tempos coloniais não era difícil. Aliás, há uma citação interessante de Vincenzo Cernicchiaro, em sua "Storia Della Musica Nel Brasile", em que fala de uma oficina de pianos em Recife. Tal oficina deve ter surgido da curiosidade de algum amador ou afinador, que usou peças de pianos europeus para recuperar outros. Esta talvez tenha sido uma das primeiras oficinas de piano do Brasil. Além disso, existem diversas referências à cravistas recifenses, dentre os quais:

* Padre Inácio Ribeiro Noya, recifense, nascido em 1688, foi mestre de capela, compositor;

* Padre João de Lima, mestre de capela nas catedrais da Bahia e Olinda;

* Padre Antônio da Silva Ancântara, recifense, nascido em 1711, mestre de capela da catedral de Olinda, professor de música, deixou algumas peças para cravo;

* Padre Manuel de Almeida Botelho, recifense, nascido em 1721, destacou-se em Lisboa como compositor sacro, escreveu também sonatas e tocatas para cravo.

Minas Gerais se preza de ter fabricado pianos. Em Itabirito, segundo Nelson de Senna, o Padre Francisco Xavier de Souza, tinha em sua casa uma oficina onde montava relógios de igreja e harmônios e onde certo dia acabou fabricando o seu único piano - o primeiro a ser feito em Minas - e excelente! Este piano foi exibido e premiado com Medalha de Ouro na Quinta Exposição Industrial da Província de Minas, realizada em 1870, em Ouro Preto.

No fim do século XIX, surge a primeira fábrica de pianos do Brasil, a Nardelli, em São Paulo. Estava aberta uma nova fase da história do piano no Brasil, agora com instrumentos nacionais competindo com os importados. Em 1950, várias fábricas já estabelecidas no país, produziam pianos de excelente qualidade, inclusive, exportando-os para todo o mundo, como foi, particularmente, o caso da Essenfelder de Curitiba, e mais tarde, da Fritz Dobert, em São Paulo.

O piano na música popular brasileira - os "pianeiros"

Por volta de 1850, um bom piano americano ou inglês custava no Rio de Janeiro cerca de 1:200,000, esta quantia equivalia a cerca de 2 anos de salário de um pai de família de nível médio! Assim sendo, pouca gente da cidade disporia de tal despesa. Mas, com a riqueza trazida pela cultura do café no Vale do Paraíba, tornaram-se comuns os anúncios de compra e venda de pianos nos jornais, que, com o passar do tempo tiveram seus preços caindo progressivamente ao ponto de torná-lo acessível a muitos comerciantes, profissionais liberais bem sucedidos e aos burocratas. Isto significou a incorporação à música popular do pianista, juntando-se aos violonistas, flautistas e cavaquinistas nos conjuntos instrumentais, e também do "pianeiro", caricatura de pianista, que não tinha teoria musical mas possuía balanço e tocava "de ouvido".

Os dois mais antigos pianeiros na música popular brasileira foram: Chiquinha Gonzaga e Ernesto Nazareth.

No fim da primeira metade do século XIX, o piano era uma raridade e um privilégio, pois foi nesta época que nasceu Chiquinha Gonzaga, descendente de uma alta família do Império, já Ernesto Nazareth era filho de um simples funcionário público com uma professora de piano.

Estes dois artistas tiveram papel fundamental na história da música popular brasileira, pois criaram um estilo original que aproximava a erudição do piano, numa época em que o estudo do instrumento baseava-se no repertório clássico-romântico, às raízes populares, criando ritmos genuinamente brasileiros.

Chiquinha Gonzaga tocava em bailes particulares e no teatro musicado, Ernesto Nazareth tocava em casas de música (na época, era comum as lojas de música terem pianistas de plantão que tocavam as partituras que os clientes desejassem comprar) e nas salas de espera de cinemas (como no famoso Cine Odeon, que ficava na esquina das ruas Sete de Setembro e Rio Branco, no centro do Rio de Janeiro).

Deve-se a Nazareth, além disso, à criação do "Tango Brasileiro" que mais tarde veio a chamar-se "Choro". O tango brasileiro tem suas raízes nas polcas e no tango argentino. Mas difere completamente de seus antecessores pelo ritmo dengoso, sapeca, salpicado. Em pouco tempo, tornou-se o ritmo predileto nas casadanças da época.

Os pianeiros passaram a proliferar pela cidade como opção a quem desejava dar um baile em casa, pois até então, a música de dança só era fornecida pelos grupos de chorões, que eram na maioria das vezes formados por violão, cavaquinho e flauta.

O pianeiro tocava por camaradagem ou por contrato até meia noite, de madrugada ou até mesmo até a manhã seguinte. O próprio Nazareth, antes de tornar-se famoso, sacrificou-se virando noites em cima do piano!

Outro pianeiro famoso foi Aurélio Cavalcanti, tinha um ritmo invejável. Na realidade, Aurélio Cavalcanti tornou-se em 1890 o mais disputado pianeiro profissional do Rio de Janeiro. Cobrava 60 mil réis por baile em casa de família (uma quantia considerável para a época) e tinha uma agenda comprometida para quase todos os dias, o que o levava a viver num eterno estado de sonolência, pois seu cachê o obrigava a tocar até as 4 horas da manhã.

Durante os anos da Primeira Grande Guerra (1914-1918), a influência dos ritmos americanos

como o one-step, o rag-time e o fox-trote, fez surgir uma nova geração de pianeiros, desta vez, voltados ao advento das orquestras de rádio e das fábricas de disco e de dança, que foram responsáveis pela profissionalização do tocador de piano popular.



Assim sendo ocorreu uma espécie de êxodo de pianeiros de diversas localidades para o Rio de Janeiro, na esperança de ganhar algum dinheiro tocando música popular no piano. Como exemplo: Eduardo Souto (1882-1942), Augusto Vasseur (1899- 1970), Ari Barroso (1903-1966), Romualdo Peixoto, o Nonô (1902-1970), que vieram somar aos cariocas Sinhô, o criador do samba (1888-1944), Henrique Vogeler, o criador do samba canção (1888-1944) e o líder de jazz-band José Francisco de Freitas (1897-1956). Em Pernambuco fizeram sucesso Tia Amélia, Nelson Ferreira e Capiba.

O apogeu do rádio, entre as décadas de 1930 e 1940, propiciou a outra geração de pianeiros, fornecendo a maioria dos arranjadores e componentes de orquestras de estúdio e de dança.

De outras cidades convergiram pianistas populares como Radamés Gnattali, Lauro Piva e Waldir Calmon. Com o aparecimento da bossa-nova e da sua conseqüente harmonia funcional, nova geração de pianeiros formou-se, tendo como maior figura de compositor: Antônio Carlos Jobim, e seu primeiro pianeiro propriamente dito: Johnny Alf.

Compositores de piano do Brasil

Seguindo a idéia de Maria Abreu e Zuleika Rosa Guedes em "O Piano na Música Brasileira", vou listar de forma sucinta, a relação de alguns dos grandes compositores de piano dos séculos XIX e XX:

Século XIX

- * Francisco Manuel da Silva (Rio de Janeiro, RJ 21/12/1795 - Rio de Janeiro, RJ 18/12/1865)
- * Carlos Gomes (Campinas, SP 11/06/1836 - Belém, PA 16/09/1896)
- * Brasília Itiberê da Cunha (Paranaguá, PR 01/08/1846 - Berlim, Alemanha 11/08/1913)
- * Leopoldo Miguez (Niterói, RJ 09/09/1850 - Rio de Janeiro, RJ 06/09/1902)
- * Henrique Oswald (Rio de Janeiro, RJ 14/04/1852 - Rio de Janeiro, RJ 09/06/1931)
- * Luis Henrique Levy (São Paulo, SP 18/08/1861 - Rio de Janeiro, RJ 08/08/1935)
- * Alexandre Levy (São Paulo, SP 01/11/1864 - São Paulo, SP 17/11/1892)
- * Alberto Nepomuceno (Fortaleza, CE 06/07/1864 - Rio de Janeiro, RJ 16/10/1920)
- * Paulo Florence (Campinas, SP 19/06/1864 - São Paulo, SP 23/09/1949)

Século XX

- * Barroso Neto (Rio de Janeiro, RJ 30/01/1801 - Rio de Janeiro, RJ 01/11/1941)
- * Glauco Velasquez (Rio de Janeiro, RJ 23/03/1884 - Rio de Janeiro, RJ 21/06/1914)
- * Custódio Fernandes Góis (Rio de Janeiro, RJ ???/1886 - Rio de Janeiro, RJ ???/1948)
- * Villa Lobos (Rio de Janeiro, RJ 05/03/1887 - Rio de Janeiro, RJ 17/11/.1959)

- * Ernâni Braga (Rio de Janeiro, RJ 10/01/1888 - São Paulo, SP 20/09/1948)
- * Frutuoso Viana (Itajubá, MG 06/09/1896 - Rio de Janeiro, RJ 22/04/1976)
- * Lorenzo Fernandez (Rio de Janeiro, RJ 04/11/1887 - Rio de Janeiro, RJ 27/08/1948)
- * Francisco Mignone (São Paulo, SP 03/09/1897 - Rio de Janeiro, RJ 19/12/1986)
- * Ernesto Nazareth (Rio de Janeiro, RJ 20/03/1863 - Rio de Janeiro, RJ 01/02/1934)
- * Souza Lima (São Paulo, SP 21/03/1898 - São Paulo, SP 28/11/1982)
- * Arnaldo Rebelo (Manaus, AM 07/07/1905 - Rio de Janeiro, RJ 08/05/1984)
- * Camargo Guarnieri (Tietê, SP 01/02/1907 - São Paulo, SP)
- * José Vieira Brandão (Cambuquinha, MG 26/09/1911)
- * Guerra Peixe (Petrópolis, RJ 18/03/1914)
- * Cláudio Santoro (Manaus, AM 23/22/1919 - Brasília, DF 27/03/1989)
- * Heitor Alimonda (Araraquara, SP 08/12/1922)
- * Edino Krieger (Brusque, SC 14/03/1938)

Fonte: Abreu, Maria e Guedes, Zuleika Rosa. "O Piano na Música Brasileira".